



AS MULHERES DE LETRAS NO UNIVERSO EPISTOLAR DE PEDRO NAVA

Greyce Kely Piovesan¹

O estudo de cartas pessoais no campo da história e dos estudos literários vêm adquirindo força nos últimos anos. Basta digitar a palavra cartas nos catálogos de bibliotecas e livrarias para nos depararmos com um quantidade relevante de pesquisas e edições que tratam dos universos epistolares.² As publicações variam entre a simples publicação na íntegra de séries entre remetente e destinatário a estudos complexos destes *presentes de papel*.

As cartas nos permitem explorar muitos assuntos sendo uma das raras fontes escritas de um modo de relações dominadas pela oralidade³, registrando coisas que muitas vezes *não se escreve* ou ainda que só podem ser ditas através da distância/presença de uma missiva. É uma espécie de “literatura de violão”, que se toca (escreve) para “dar fuga aos nossos sentimentos e ideais, fazer literatura, mandar crônicas e contos aos nossos amigos, dezenas de sonetos, que serão certamente aplaudidos por eles, de noite e de dia, porque não fazem barulho”.⁴

Este tipo de escrita foi muito usado por diversos intelectuais e escritores durante as décadas de 1970 e 1980 no Brasil, algumas vezes com a função de laboratório para a literatura, outras para

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina.

² Podemos citar: Roger Chartier. **La correspondance**. Les usages de la lettre au XIXe siècle. Paris: Fayard, 1991.

Cécile Dauphin, Lebrun-Pézerat e D. Pouban. **Ces bonnes lettres: une correspondance familiale au XIXe siècle**. Paris: Albin Michel, 1995.

Antonio Castillo Gomez, “Hablen cartas e callen barbas: escritura y sociedad en siglo de oro”. **Historiar**: Revista Cuadrimestral de Historia. Alcalá de Henares, n. 4, 2000.

Surama Conde Sá Pinto. **A correspondência de Nilo Peçanha e a dinâmica da política na Primeira República**. Rio de Janeiro, Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 1999.

Angela de Castro Gomes. “O ministro e sua correspondência: projeto político e sociabilidade intelectual”. **Capanema**: o ministro e seu ministério. Rio de Janeiro: editora FGV, 2000.

Walnice Nogueira Galvão e Nádia Battella Gotlib (orgs) **Prezado senhor, prezada senhora**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Maria Rosa Camargo. “Cartas adolescentes, uma leitura e modos de ser...” em Ana Chrystina Mignot, Maria Helena Camara Bastos e Maria Teresa Santos Cunha. **Refúgios do eu**: educação, história e escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000.

Diana Gonçalves Vidal. “Da sonhadora para o arquiteto: Cecília Meireles escreve a Fernando de Azevedo (1931-1938)” em Margarida de Souza Neves, Yolanda Lima Lôbo e Ana Chrystina Mignot (orgs.) **Cecília Meireles**: a poetica da educação. Rio de Janeiro: Ed. PUCRio/ Loyola, 2001.

Giselle Martins Venancio. “Presentes de papel: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Vianna” **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, n. 28, 2001.

Maria Helena Camara Bastos, Maria Teresa Santos Cunha e Ana Chrystina Venancio Mignot (orgs.) **Destinos das letras**. História, educação e escrita epistolar. Passo Fundo: UPF, 2002.

TREBITSCH, Michel. “Correspondances d’intellectuels: le cas des lettres d’Henri Lefebvre à Norbert Guterman (1935-1947)”. **Sociabilités intellectuelles: lieux, milieux, réseaux**. Les Cahiers de L’IHTP. Cahier n. 20, mars. 1992, p. 83

³TREBITSCH, Michel. Correspondances d’intellectuels. Les cas des lettres d’Henri Lefebvre à Norbert Guterman. In: RACINE, Nicole; TREBITSCH, Michel (Orgs.). *Les Cahiers de L’IHTP*, n.20: **Sociabilités intellectuelles**: lieux, mileux, réseaux. Paris: IHPT-CNRS, mars 1992.

⁴ ANDRADE, Mário de. Dona Flor. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 19 maio 1940. In: SACHS, Sonia (Org.) *Vida Literária*. São Paulo: Edusp/HUCITEC, 1993. p. 188-189.



simplesmente informar ou manter os laços de amizade e profissionais. Entre os adeptos a esta prática esteve o memorialista Pedro Nava e sua geração de amigos-missivistas.

O médico-memorialista Pedro Nava possuía um vasto epistolário que foi doado por seus familiares após sua morte e que hoje faz parte do acervo presente em seu arquivo pessoal⁵ no Arquivo Museu de Literatura Brasileira. A troca epistolar entre Pedro Nava e outros intelectuais serviu como uma forma de aproximação em meio a uma rede de sociabilidade maior. O estudo destas correspondências pessoais permite-nos conhecer melhor as tramas do campo intelectual brasileiro, a partir de um fragmento deste macro-campo.

As redes de convivência freqüentadas pelos homens e mulheres de letras e política são essenciais para a existência do intelectual moderno, pois são os espaços públicos que garantem o sentido de seus trabalhos e divulgação cultural, dando-lhes certa autonomia. Para Michel Trebitsch os lugares de sociabilidade são uma das condições fundamentais para o trabalho intelectual.⁶

O reconhecimento de Pedro Nava como um homem de letras, envolvido com a cultura clássica e letrada e a divulgação de sua obra memorialística deveu-se efetivamente ao convívio com uma plêiade de intelectuais, desde a década de 1920 com os *modernistas mineiros* até a sua presença contumaz no Sabadoyle (reuniões frequentadas por escritores, jornalistas e políticos na casa de Plínio Doyle). Afinal, mesmo antes da publicação de seu primeiro livro de memórias, em 1972, o médico já circulava neste campo intelectual.

O capital simbólico adquirido ao longo da vida através das amizades, das relações mantidas com intelectuais mineiros e cariocas e através da aproximação que há muito vinha se fortalecendo no Brasil entre a classe médica, a política e os círculos literários, permitiram que Nava o reconhecimento como homem de letras, mesmo que considerado por Manuel Bandeira um poeta “bissexto”⁷.

Um desses lócus foi a casa do bibliófilo Plínio Doyle, os chamados Sabadoyles. As charlas sabatinas⁸ que iniciaram-se nas vésperas do Natal de 1964, reunia escritores e amigos dos livros, passou a ter seus encontros registrados em atas a partir de 1972, sugestão do dono da casa, amante dos registros em papel e colecionador de manuscritos e autógrafos, que não perdeu a oportunidade de colher assinaturas e novidades literárias de diversos intelectuais. As Atas do Sabadoyle são obras

⁵ VASCONCELLOS, Eliane (Org.). **Inventário do Arquivo Pedro Nava**. Fundação Casa de Rui Barbosa. Rio de Janeiro: Edições Casa Rui Barbosa, 2001.

⁶ TREBITSCH, Michel. **Avant-propos: la chapelle, le clan et le microcosme** *Les cahiers de L'IHTP*. N. 20, mars 1992, p.15. Apud: *Ibdem*, p. 261.

⁷ Manuel Bandeira organiza a Antologia dos Poetas Bissextos, incluindo Pedro Nava nela. BANDEIRA, Manuel. **Antologia de poetas brasileiros bissextos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Zelio Valverde, 1946.

⁸ SENNA, Homero. **O Sabadoyle: história de uma confraria literária**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000. p.13.



de grande valor literário, feitas no calor da hora por diversos freqüentadores assíduos ou eventuais. Os nomes que assinaram este manuscritos são na grande maioria do gênero masculino, porém a participação de mulheres também foi assídua, principalmente na segunda fase do grupo.

Na primeira fase o grupo não contou com a participação de nenhuma mulher, sendo que 88% dos homens freqüentadores atuava no meio literário. A segunda fase, mais próxima dos anos 80 do século XX teve uma mudança significativa no número de participantes femininas: cerca de 60% dos sabadoylianos eram mulheres, sendo que a percentagem de escritores se manteve. Diferentemente dos primeiros sabadoylianos, esta nova geração usava a casa de Doyle como um local em busca de reconhecimento no campo literário ⁹ através da convivência com nomes já consagrados nacionalmente. Isso pode ser visto como uma estratégia usada por essas mulheres para ocupar seu *lugar ao sol* no campo literário brasileiro.

Mesmo encontrando-se na maioria dos sábados na casa de Doyle, os sabadoylianos mantinham o hábito de trocar cartas e entre elas temos poucas assinaturas femininas, assim como nas reuniões.

E não são apenas as cartas que nos mostram a pouca presença feminina neste espaço de convivência intelectual: nas fotografias que registraram alguns momentos especiais dos sábados na casa de Doyle figuram majoritariamente homens.

No epistolário de Pedro Nava são poucos os nomes femininos que ocuparam lugar no campo remetente dos envelopes. Durante a leitura das cartas sentimos falta das vozes femininas entre os intelectuais-remetentes de Nava. O círculo intelectual que o médico-memorialista freqüentou, o Sabadoyle, os amigos da *Rua da Bahia*¹⁰, os jornalistas e escritores mais falados pelos divulgadores culturais, era composto grande parte pelo universo masculino.

Apesar deste silêncio algumas mulheres manifestaram-se em missivas repletas de boas histórias e “boas letras”. Mulheres como Lygia Fagundes Telles, Rachel Jardim, Rachel de Queiróz e Maria Julieta Drummond se corresponderam com o também escritor.

A correspondência com Raquel Jardim, sua conterrânea de Juiz de Fora, tratou principalmente do funcionamento do Conselho Municipal de Proteção Cultural do Rio de Janeiro. Pedro Nava, ao assumir a presidência desse Conselho¹¹ chamou Rachel Jardim, que já era

⁹ Informações tiradas da dissertação de mestrado de Rosangela Florido Rangel. RANGEL, Rosangela Florido. **Sabadoyle**: uma academia literária alternativa? Dissertação de mestrado, FGV-CPDOC, 2008.

¹⁰ O grupo foi assim chamado por freqüentar a Rua da Bahia em Belo Horizonte e fazer dali um ponto de encontro para conversas e discussões literárias. Mais tarde o grupo foi chamado de os modernistas mineiros. Entre seus freqüentadores estavam Pedro Nava, Carlos Drummond de Andrade, Gustavo Capanema, Aogar Renault, entre outros.

¹¹ Segundo Vasconcellos, a preocupação e o interesse de Nava pelo patrimônio histórico da cidade que escolhera para



funcionária pública, para ser sua secretária executiva. Em uma longa carta datada de 9 de agosto de 1983, a também memorialista explicou-se sobre situações ocorridas no Conselho, falando “não ao chefe, mas ao amigo, ao médico, ao ser humano de rara qualidade”. Mas Rachel Jardim, como se sabe, não foi somente a secretária do Conselho, lançou-se escritora em 1973 com um livro de memórias além de ter em suas cartas a Nava assuntos ligados às publicações que estava organizando. Entre elas uma antologia chamada *Mulheres e Mulheres* onde o médico-memorialista teria reservadas algumas linhas.

Maria Julieta Drummond aparece também de forma ativa no epistolário naviano. A série de correspondências enviadas pela filha querida de seu velho amigo Carlos inicia em 1974 trazendo felicitações a Nava pela excelente entrevista no Jornal Nacional e pelo lançamento do livro, provavelmente *Balão Cativo*. Além da amizade com Nava herdada do pai, o contato com Maria Julieta também serviu como ponte entre o memorialista e editores argentinos, que lançaram uma seleção de suas memórias no livro *Poliedro*, organizada pela remetente. Suas cartas, repletas de afetuosidade e referências familiares, mostram como se constituiu o campo editorial no qual as memórias de Nava circularam.

A escritora Lygia Fagundes Telles tem duas cartas suas arquivadas por Nava, uma rápida em forma de telegrama, parabenizando o memorialista por algum prêmio recebido e outra, escrita à mão, exaltando o escritor: “Aí está a prova das suas pompas e glórias em terras bandeirantes. Beijo”.¹² Há também um rascunho deixado por Nava de uma missiva enviada a Lygia em que o memorialista se diz admirador antigo da escritora e aceitando um pedido feito por Drummond em nome da destinatária.

Outra mulher de letras que fora interlocutora de Nava foi Lenira Covizzi. Ao que parece, Lenira entrou em contato com o memorialista no intuito de fazer um trabalho sobre sua obra, em 1976 e estreitou os laços de amizade através das cartas até 1983. Suas cartas tem receitas culinárias, informes sobre sua vida pessoal, referências familiares, abraços a Nieta, relatos de seus trabalhos no IEB da USP, envio de poesias. Nas cartas podemos notar o estreitamento da amizade e o status de igualdade intelectual que a troca epistolar vai permitindo com o tempo. Lenira também é citada por outros remetentes de Nava, o que mostra sua inserção no mundo da letras deste eixo Rio-São Paulo-

viver era tamanho que, ao ler a notícia publicada em *O Globo* de 11 de abril de 1970, de que o elevado do Santa Bárbara poria abaixo algumas residências do Catumbi, dirigiu-se ao bairro para apreciá-las pela última vez. Em seu recorte de jornal, desenhou um croqui das ruas percorridas e fez a seguinte anotação: “Fiz este passeio a 12.IV, para me despedir das velhas casas que vão cair” VASCONCELOS, Eliane. “De bissexto a contumaz. O arquivo pessoal de Pedro Nava.” In: _____ (Org.). **Inventário do Arquivo Pedro Nava**. Fundação Casa de Rui Barbosa. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2001. p.20.

¹² Carta de Lygia Fagundes Telles a Pedro Nava. Rio de Janeiro, novembro de 1983. PN 903/AMLB/FCRB.



Minas. Em carta de 13 de novembro de 1979, Antônio Cândido escreveu:

Meu caro Nava. A Lenira telefonou ontem contando que há tempo você me mandou uma carta. Não recebi. Como o correio anda bom, foi azar ou confusão por causa da mudança de nome da nossa rua (...) Segundo a Lenira você queria contar que estava publicando umas cartas do Mário de Andrade, no que faz bem. Já correu o tempo de uma geração; e eu próprio publiquei, no 15 aniversário da morte dele, uma que a Lígia Fagundes depois reconhecer.

Nas cartas as mulheres aparecem mais nas referências familiares do que na assinatura das mesmas. Quando Nava dirige-se a Antonio Cândido, não esquece de citar sua senhora, Gilda de Mello e Souza, também ela intelectual, mas não destinatária direta das cartas.

As correspondências revelam, além das afinidades com o mundo da escrita, amizades que partem da esfera intelectual e penetram na privada, com referências familiares de ambos, remetente e destinatário. Um exemplo disso são os abraços e lembranças estendidas a Dona Nieta Nava pelos remetentes do marido. O amigo de Nava, Abgar Renault no final de cinco das sete cartas enviadas por ele ao memorialista, mandou lembranças a D. Nieta e em duas inclui sua esposa Ignez nas despedidas. Amigos de longa data como Drummond, Afonso Arinos de Melo Franco e Juscelino Kubistchek pela liberdade concedida através da aproximação que os anos permitem, estendem as lembranças a outros membros da família, certamente por conhecê-los pessoalmente também:

Por tudo de bom e de belo que você os dá, o abraço afetuoso de Dolores, de Maria Julieta e do seu velho Carlos.

Beijos para Nieta, também de Bia e Sílvia (filhas de Arinos de Melo Franco)

Queridos amigos D. Nieta e Nava.¹³

Por algumas vezes as escritoras mulheres são citadas por homens também envolvidos com as letras, seja por meio da leitura de Pedro Nava ou pela escrita. Cláudio Martins, pesquisador que em meados de 1980 e presidente da Academia Cearense de Letras, faz uma aproximação epistolar evocando Rachel de Queiroz para que através dela se aproximasse de Pedro Nava. É através da citação deste contato comum que o remetente busca uma aproximação com o memorialista.

Essas amizades em comum serviram para aproximar os homens e mulheres de letras entre si. As cartas nos mostram como a circulação de nomes e obras de outros escritores circulavam no universo dos letrados, legitimando e incluindo outros intelectuais nele.

A escrita epistolar para os escritores e homens e mulheres de letras contemporâneos de Pedro Nava serviu como uma prática para estabelecer e manter uma rede de relações profissionais e intelectuais que por muitas vezes alcançaram o campo afetivo e adentrou no território do privado.

¹³ Carta de Drummond, Rio de Janeiro, 5 de junho de 1978. PN 038/AMLB/FCRB.

Carta de Afonso Arinos de Melo Franco, Washington, 13 de fevereiro de 1973. PN 385/AMLB/FCRB.

Carta de Juscelino Kubstchek, 23 de março de 1976. PN 485 /AMLB/FCRB.



As correspondências nos propiciaram encontrar no arquivo indícios de uma forma específica de sociabilidade, para além dos lugares de consagração intelectual.

O círculo intelectual freqüentado por Nava foi majoritariamente masculino, desde o grupo dos modernistas mineiros até o Sabadoyle. Este fato é refletido em seu epistolário no pequeno número de escritoras-remetentes. Já nas cartas de leitores há muitas assinaturas do gênero feminino. Mas isso é assunto para outro artigo.